

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES E DO PAÍS: O CASO DE MOÇAMBIQUE

Autora: Seinás Ismael

Licenciada em Ensino de Matemática pela Universidade
Pedagógica de Moçambique e Mestranda em Informática
Educativa e Estatística

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA – ESTEC

Resumo

O presente artigo procura reflectir em torno do tema escolarização das raparigas e sua importância (ou impacto) na melhoria do nível de vida das mulheres, homens e crianças, por um lado, e no desenvolvimento do país, por outro. O artigo compreende o espaço geográfico Moçambicano no período entre 1990 e 2012. Com objectivo principal de analisar o impacto da escolarização, ou não, das raparigas na melhoria do nível de vida da sociedade, no geral, e no desenvolvimento humano do país, em especial. A escolarização das raparigas é decisiva para a melhoria de vida na sociedade e para o crescimento económico do país, tendo em conta o papel central desempenhado pelas mulheres tanto na família assim como na sociedade. É Constatado que a escolarização implica não parar de ensinar, de modo a tirar as crianças e adolescentes da ignorância para que tenham chances no futuro e oportunidade de optar por uma vida melhor.

Palavras-chaves: *escolarização das raparigas , nível de vida, sociedade.*

1. INTRODUÇÃO

A sociologia da educação é uma disciplina que estuda os processos sociais do ensino e da aprendizagem. Tanto os processos institucionais e organizacionais nos quais a sociedade se baseia para prover educação a seus integrantes, assim como as relações sociais que marcam o desenvolvimento dos indivíduos. A sociologia da educação é a vertente da Sociologia que estuda a realidade socioeducacional e os processos educacionais de socialização. Tem como fundadores Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Émile Durkheim foi o primeiro a ter uma Sociologia da Educação sistematizada em obras como Educação e Sociologia, A Evolução Pedagógica na França e Educação Moral (Durkheim, 2001:09).

O estudo de sociedades culturalmente diferentes oferece ferramentas importantes na análise dos processos de aprendizagem. O conhecimento de como diferentes culturas se reproduzem e educam seus indivíduos permite uma aproximação dos processos mais estruturais que compõem a educação de uma forma mais ampla.

No caso em apreço, se analisa a situação de um determinado grupo social, as raparigas, no seu processo de educação, tendo em conta as desigualdades enfrentadas por este grupo no acesso, continuidade e conclusão dos níveis de ensino/escolarização. Embora a educação seja considerada um direito para todos os rapazes e todas as raparigas, sem excluir a educação de adultos, e também um elemento essencial para o progresso de qualquer país, verificam-se ainda sérios obstáculos à escolarização das raparigas, pelos mais variados motivos. Como problema procura-se perceber até que ponto a fraca escolarização das raparigas influencia a qualidade de vida das pessoas e determina o desenvolvimento da condição humana de um país?

1.1. OBJECTIVO GERAL

- Analisar o impacto da escolarização, ou não, das raparigas na melhoria do nível de vida da sociedade, no geral, e no desenvolvimento humano do país, em especial.

1.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os principais conceitos e campos teóricos relacionados com a problemática de escolarização das raparigas;
- Identificar os aspectos sociais, económicos e culturais que concorrem para a fraca escolarização das raparigas e seu impacto a nível da sociedade e do próprio país, como um todo;
- Compreender até que ponto a escolarização das raparigas concorre para o aumento do nível de vida das pessoas: redução da mortalidade infantil, redução das doenças na infância, do HIV/SIDA, etc.

1.3. HIPÓTESES

- Algumas tradições e práticas culturais em determinadas regiões do país determinam o abandono precoce das raparigas nas escolas;
- Um elevado índice de raparigas não escolarizadas é factor preponderante para a fraca qualidade de vida das pessoas, em particular, e de fraco desempenho económico do país, como um todo;
- A escolarização das raparigas é decisiva para a melhoria de vida na sociedade e para o crescimento económico do país, tendo em conta o papel central desempenhado pelas mulheres tanto na família assim como na sociedade.

1.4. PROBLEMATIZAÇÃO

A fraca escolarização das raparigas é um problema fundamental dos nossos tempos, não só em Moçambique, mas um pouco por toda a África e outros países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Fruto de crenças, tradições e práticas culturais retrógradas, sobretudo nas zonas rurais, centenas de milhões de raparigas e mulheres ficam sem instrução e nem aptidões que lhes permitam melhorar a sua situação, a dos seus filhos ou das comunidades em que vivem.

Apesar das políticas públicas nacionais e internacionais apregoarem a igualdade de *género*¹ no tocante à educação, a prática mostra que as raparigas sofrem mais pressões sociais que lhes obrigam a

¹ O *género* aqui referido tem a ver com as diferenças sociais entre homens e mulheres. É a representação social do sexo biológico. Tem por base representações (crenças, ideias, valores) em torno do sexo biológico. Ou seja, o género é o modo como as sociedades olham/pensam as pessoas do sexo masculino e as pessoas do sexo feminino, é assim, a consequência do sexo numa organização social. Não há coincidência entre a identidade natural (sexo) e a de género (construção social), sendo que o mesmo acontece relativamente às noções de raça, classe, idade e etnicidade. O conceito contrário à igualdade

abandonar a escola muito mais cedo, privando-lhes de instrumentos científicos imprescindíveis para a vida moderna, perante a inoperância das estruturas oficiais. Desta realidade, surge como questão de partida: Até que ponto a fraca escolarização das raparigas influencia a qualidade de vida das pessoas e determina o desenvolvimento da condição humana de um país?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria é construída através da observação de factos. Sendo assim, a teoria é um modelo lógico e consistente que descreve o comportamento de um dado fenómeno natural ou social. Nesse sentido, uma teoria é uma expressão sistemática e formalizada de todas as observações prévias, que são previsíveis, lógicas e testáveis. Em princípio, teorias científicas são sempre tentativas, e sujeitas a correcções ou inclusão numa teoria mais abrangente. Existem duas teorias que tentam explicar o fenómeno da escolarização ou a marginalidade, as teorias não-críticas e as teorias crítico-reprodutivas. Dentro das teorias não críticas encontramos a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista. Enquanto que, nas teorias crítico-reprodutivas encontramos a teoria do sistema de ensino como violência simbólica, da escola como aparelho ideológico do Estado (AIE) e a escola dualista (Giddens, 2000: 45).

2.1. TEORIAS NÃO CRÍTICAS

As teorias não críticas assentam na crença de que a escolarização é um instrumento de equalização social, sendo por isso que a educação é um direito de todos os membros de uma determinada sociedade. Resumidamente observamos que:

- Na pedagogia tradicional, a educação é vista como direito de todos e dever do Estado, sendo a marginalidade associada à ignorância. A escola surge como um "*antídoto*", difundindo a instrução.
- Na escola nova, passa a ocorrer um movimento de reforma na pedagogia tradicional, na qual a marginalidade não é mais do ignorante e sim do rejeitado, do anormal e inapto, desajustado biológica e psiquicamente. A escola passa a ser então a forma de adaptação e ajuste dos indivíduos à sociedade.

de género não é diferença de género, mas sim o de desigualdade de género, uma vez que este pressupõe estatutos, direitos e dignidade hierarquizados entre homens e mulheres (Waldorf, 2005:11).

- O tecnicismo define a marginalidade como ineficiência, improdutividade. A função da escola então passa a ser de formação de indivíduos eficientes, para o aumento da produtividade social, associado directamente ao rendimento e capacidades de produção capitalistas.

No campo da escolarização das raparigas, algumas das ideias defendidas pelas escolas teóricas não críticas assentam perfeitamente na crescente luta pela igualdade de género e o acesso igual à educação, emprego, oportunidades, etc. Pois, para esta teoria a escolarização é um instrumento de igualdade social, sendo que, a falta deste instrumento constitui apenas um fenómeno accidental que precisa de ser corrigido, afectando um menor número dos membros da sociedade.

2.2. TEORIAS CRÍTICAS - REPRODUTIVAS

As teorias críticas – reprodutivas compreendem a educação a partir de sua estrutura sócio económica, considerando que esta não favorece a superação da marginalidade, mas gera-a, pois, a sua forma reproduz a marginalidade social através da marginalidade cultural e escolar. Acreditam que a educação é um instrumento de discriminação social logo um factor de marginalização.

Para estas teorias a sociedade é marcada pela divisão entre grupos ou classes antagónicas que se relacionam à base da força. As escolas desta teoria defendem o seguinte:

- Sistema de ensino como violência simbólica – a violência material (dominação económica) exercida pelos grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominadas corresponde à violência cultural (dominação cultural). A classe dominante exerce um poder de tal modo absoluto que se torna inviável qualquer reacção por parte da classe dominada. Neste cenário, a luta de classes é praticamente impossível, já que se procura a manutenção do dito poder simbólico, ideia defendida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002);
- Escola como aparelho ideológico do estado (AIE) – defende que a educação inscreve-se no próprio seio das relações de produção capitalista que se funda na expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas. Marginalizada é, pois, a classe trabalhadora. O AIE escolar, em lugar de instrumento de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar os seus interesses (Saviani, 2000:23-24);

- Escola dualista – defende que a sociedade capitalista está dividida em duas classes: Burguesia e Proletariado. Neste cenário, a missão da escola seria a de impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária. A educação estaria organizada pela burguesia como um aparelho separado da produção, e o aparelho escolar como uma unidade contraditória de duas redes de escolarização.

À luz das teorias críticas-reprodutivas, a fraca escolarização das raparigas pode ser entendida como o resultado da discriminação social e cultural das mulheres, um factor de marginalização da mulher e rapariga.

No entendimento desta corrente de pensamento, a sociedade é marcada pela divisão social entre grupos, que podem ser rapazes e raparigas, homens e mulheres, que se relacionam à base da força, nesta relação, alguns grupos procuram expressar o seu poder ou força, que sendo uma simbologia, acaba por reproduzir desigualdades sociais. Conforme defende Bourdieu, “a violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico” (Bourdieu, 1992:67), e uma das formas de expressão é através da educação familiar e cultural. Neste processo, as raparigas têm sido penalizadas com práticas e tradições desajustadas ao nosso tempo e que obriga-lhes a interromper os seus estudos muito precocemente.

3. METODOLOGIA

Em relação à metodologia adoptada, recorreu-se ao método hipotético-dedutivo. Este inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos a cerca da qual formulam-se hipóteses, pelo processo de inferência dedutiva, e baseando-se em leis ou teorias, fazem-se reflexões sobre a ocorrência ou não dos fenómenos abrangidos pelas hipóteses previamente formuladas (Marconi e Lakatos, 2000:91).

Com base nos conhecimentos adquiridos na disciplina de Sociologia da Educação, concretamente a importância da escolarização no processo de interacção social, identificou-se como lacuna a questão da baixa ou fraca escolarização das raparigas. Assim, com base em inferências dedutivas (pensamento que parte dos princípios gerais para os casos específicos), procura-se analisar que implicações existem entre este fenómeno e a qualidade de vida das pessoas em sociedade, por um lado, e para o desenvolvimento do país, por outro, daí que se formularam as possíveis soluções deste questionamento: as hipóteses.

Em termos técnico-científicos, para a elaboração do presente artigo recorreu-se à pesquisa documental, através do método de análise bibliográfica, com consultas efectuadas aos manuais, brochuras, revistas e documentos oficiais que abordam o assunto em estudo. Neste procedimento, a pesquisa na *Internet* não foi ignorada. A análise bibliográfica implicou a recolha, análise e sistematização dos dados da pesquisa, cujo produto final é o presente artigo.

4. ESCOLA E ESCOLARIZAÇÃO

Antes de abordar a questão da escolarização julga-se importante atendermos à noção de Escola.

De acordo com Pinto (1995:112) a escola é o lugar que a sociedade organiza, de forma explícita, para levar a cabo a socialização² das novas gerações. Ou seja, na sociedade actual, a escola ocupa um lugar privilegiado no processo de socialização dos jovens.

O sociólogo Émile Durkheim considerava a educação como uma coisa eminentemente social capaz de prover a socialização da jovem geração pela geração adulta. Para este pensador, a escola seria um dos microcosmos sociais (Durkheim, 2001:09).

A escolarização corresponde ao processo de educação sem interrupção dos estudos das crianças e adolescentes até à fase adulta. Por exemplo, uma criança inicia os seus estudos na Escola, aprende a ler e escrever, dedica e forma-se profissionalmente sem nenhuma interrupção³

Dada a importância do processo de escolarização na vida das pessoas, as políticas públicas ligadas à área de educação em vários países instituem mesmo um mínimo de escolarização obrigatória para todas as crianças. Por exemplo, em Moçambique, o ensino primário, com dois ciclos compreendendo sete anos de escolaridade, corresponde à educação obrigatória⁴.

O primeiro ciclo (EP1) inclui cinco anos de estudo, que ensinam a alfabetização e conhecimentos básicos; o segundo ciclo (EP2) inclui apenas dois anos. Depois desta fase, os alunos podem entrar no ensino secundário geral ou técnico profissional. Portanto, a escolarização, como o próprio nome já indica, remete necessariamente para a escola e todos métodos lá utilizados, ao passo que a educação não remete única e necessariamente para a escola, como o lugar de excelência, onde são inculcados os

² Este termo surge pela evidência social de que o ser humano não nasce membro de uma sociedade, a criança e o adulto vão-se tornando membros da sociedade. Ou seja, a expressão *socialização* ou *inculturação* exprimem o processo através do qual o ser humano cresce no interior da cultura da sua comunidade, entrando em contacto com o tecido da sua própria comunidade. Enquanto isso, a *aculturação* implica o encontro entre universos culturais diferentes (Pinto, 1995: 116-117).

³ In: www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra/19.06.2011

⁴ In: www.portaldogoverno.gov.mz/19.06.2011

cânonos sem os quais eles não são reconhecidos como membros de um certo grupo social. Ou seja, educar é muito mais que escolarizar, porque a educação significa instrução e cortesia e não necessariamente escolarizar apenas. Resumindo, diria que a educação ocorre nas mais diversas instituições porque a escola não é o lugar soberano onde ensina-se ao homem a viver em sociedade.

4.1 RAPARIGA E GÉNERO

O termo rapariga significa jovem do sexo feminino. O termo género é muitas vezes evocado quando se trata de questões relativas às mulheres ou raparigas. Género é um conceito construído socialmente na busca de se compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, rapazes e raparigas, tendo em atenção os papéis que cada um dos grupos assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles (Costa, 1990:02). No presente artigo adopta-se os conceitos rapariga e género nos precisos termos acima deixados. A escolarização das raparigas é um assunto recorrente nas discussões sobre o género, já que a dificuldade de manutenção delas na escola é quase sempre associada à sua condição feminina, ao seu *status*, papel e função social e cultural enquanto mulheres.

Enquanto nos primeiros anos de escolarização a distinção entre rapazes e raparigas não se mostra preponderante, nos últimos anos do ensino primário as raparigas sofrem pressões a vários níveis para abandonarem a escola e cumprir outras tarefas que, historicamente, foram tidas como exclusivamente “suas”. O artigo procura analisar o impacto desta forma de pensar na vida da comunidade, por um lado, e no desenvolvimento do país, por outro.

4.2. A ESCOLARIZAÇÃO DA RAPARIGA

Para melhor explicar a situação da escolarização das raparigas no mundo em geral, e Moçambique, em particular, recorre-se ao extracto de um Relatório publicado por uma das agências especializadas das Nações Unidas, ligada às crianças: “(...) *as iniciativas internacionais em prol do desenvolvimento estão a defraudar de forma grave as crianças e jovens do sexo feminino, deixando centenas de milhões de raparigas e mulheres sem instrução nem aptidões que lhes permitam melhorar a sua situação, a dos seus filhos ou das comunidades em que vivem*”⁵. Ainda com base em dados da UNICEF, constata-se que num grande número de países, as iniciativas internacionais em

⁵ UNICEF. *Deixar as raparigas sem escolaridade tem um custo cada vez maior*. Nova Iorque. Press Release. 2004.

matéria de desenvolvimento têm se reveladas claramente desajustadas no que respeitam à escolarização das raparigas. Carol Bellamy, Directora Executiva da UNICEF apela para que os governos se questionem sobre as causas e sobre as consequências desta realidade, pois, a discriminação entre sexos constitui um entrave ao desenvolvimento, ao comprometer, à partida, o direito fundamental de todas as crianças à educação⁶.

4.2.1. CAUSAS DO ABANDONO ESCOLAR NAS RAPARIGAS

O abandono escolar constitui um dos maiores problemas dos actuais sistemas de ensino, não sendo um fenómeno novo, ele requer hoje uma reavaliação das formas de combate, devido às mudanças profundas que as sociedades têm vindo a registar, quer na socialização dos jovens quer nas exigências que estas fazem, cada vez mais, à participação destes em diferentes esferas sociais. Salientar que não existe uma causa única do abandono escolar das raparigas, mas sim, um conjunto de situações que forcem ou criem as condições para que tal aconteça.

4.2.2. QUESTÕES ECONÓMICAS

No caso das raparigas, verifica-se que o perfil das jovens que abandonam a escola evidencia uma pertença a famílias com baixas habilitações, baixos rendimentos e dificuldades económicas. Embora não seja determinante, dada a gratuitidade do ensino primário, situações existem que obrigam as raparigas a assumirem a responsabilidade de garantir o sustento da família muito mais cedo do que o normal, obrigando-as a trabalhar em tenra idade. Outros factores de natureza material como escolas demasiado longe de casa, falta de água potável e instalações sanitárias separadas, e ainda a ameaça de violência sempre presente na escola ou nas suas imediações também contribuem para o abandono escolar.

4.2.3. RELAÇÕES DE PODER SIMBÓLICO

Para além da estrutura económica, as relações que se estabelecem na escola também contribuem para este fenómeno. Na maioria das escolas, os alunos revêem-se, tal como acontece nas famílias,

⁶ Carol Bellamy, Directora Executiva da UNICEF (UNICEF, 2003:01)

como objectos de conhecimento, conhecimento este cuja legitimidade se encontra no papel social conferido aos professores e aos pais e nos mecanismos de controlo que desencadeia.

Por exemplo, em Moçambique, a escola claramente não responde à “*procura*” juvenil de novos elementos de coesão, isto é, as alunas não acrescentam saber no seu quotidiano na escola, por exemplo, a divisão de trabalho em casa (às meninas compete varrer, cozinhar) com a “*igualdade*” na escola. Verifica-se uma ausência de raparigas chefes de turma é um bom exemplo de como se realizam as compatibilidades entre a modernidade escolar e a tradição cultural da subalternidade (Osório, 2007:03). O que é comum na casa e na escola é para além da impossibilidade de questionamento, a manutenção de uma estrutura de poder que tem a idade e o sexo como determinantes (bem na linha do poder simbólico avançado por Pierre Bourdieu⁷).

4.2.4. GRAVIDEZ PRECOCE

A gravidez precoce da rapariga implica abandono e desistência escolar, e o seu aumento nas escolas moçambicanas tem sido objecto de grande questionamento social. Este questionamento e as causas mais identificadas para este fenómeno são, contudo, muito variadas e contraditórias. O discurso social dominante desenvolve um sistema de explicações assente na anomia⁸ dos valores culturais tradicionais e na representação da escola como um lugar de “perigo” para a conservação da ordem. A posição das famílias situa a resolução do problema da gravidez das meninas na adopção de medidas punitivas. Na verdade, a redução da questão à sanção assenta no pressuposto da igualdade entre os dois sexos. Logo, não se tem em conta o poder que estrutura as relações sociais de género e as que se estabelecem entre professor-aluno.

A adopção de medidas contra as raparigas que engravidam não identificando as causas do “problema” na construção da identidade social das mulheres, reforça, em última análise, uma concepção da sexualidade feminina “*sob controlo*”. Isto é, há um acordo social e político explícito de que a gravidez fora do contexto normativo (independentemente se ela corresponde à vontade da jovem) atenta e ofende a moral social (Osório, 2007:05).

⁷ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

⁸ A palavra *anomia* tem origem grega e vem de *os* + *nomos*, donde *a* significa ausência, falta, privação, inexistência; e *nomos* quer dizer lei, norma. Etimologicamente, portanto, anomia significa falta de lei ou ausência de norma de conduta. Foi com esse entendimento que Émile Durkheim usou a palavra pela primeira vez em seu estudo sobre a divisão do trabalho social, num esforço para explicar certos fenómenos que ocorrem na sociedade (<http://www.webartigos.com/articles/3730/1/Anomia/pagina1.html/19.06.2011>).

4.2.5. PRÁTICAS E TRADIÇÕES

Embora muito arreigadas nas comunidades africanas e não só, as práticas culturais e tradições que se mostram desajustadas e contrárias à Lei, como casamentos prematuros, ritos de iniciação que impliquem sofrimento, trabalho infantil (cartar água, apanhar lenha, cozinhar, busca de sustento alternativo, cuidar da casa e dos irmãos, etc.), entre outras, concorrem em grande medida para a fraca escolarização das raparigas.

4.3. IMPACTO DA ESCOLARIZAÇÃO DAS RAPARIGAS

Historicamente, a função de reprodutora da espécie divinamente entregue ao sexo feminino favoreceu a sua subordinação ao homem. É facto assente de que a mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direcção e chefia do grupo familiar. O homem, associado a ideia de autoridade devido a sua força física e poder de comando, assumiu o poder dentro da sociedade. Nos países em vias de desenvolvimento como Moçambique as raparigas que não frequentam a escola mostram-se mais vulneráveis à pobreza, à fome, à violência, aos maus-tratos, à exploração e ao tráfico. O risco de virem a morrer de parto ou de contraírem doenças, nomeadamente o VIH/SIDA é também maior.

Sucede que a falta de escolarização coloca as raparigas numa situação de total vulnerabilidade, desprovidas de competências técnico-científicas capazes de lhes proporcionar colocação no mercado de trabalho e inserção social equilibrada. Muitas vezes, as raparigas, já adultas ou em fase de crescimento, são submetidas a casamentos forçados ou não planeados, pois não têm outra saída socialmente aceitável.

Neste cenário, não se vislumbra como reduzir substancialmente a pobreza, a mortalidade infantil, o VIH/SIDA e outras doenças. De acordo com a UNICEF (2004:03) “se os países não forem capazes de criar condições para garantir a *todas* as crianças o direito a uma educação básica, todos os esforços de desenvolvimento serão frustrados, pois, na vida do dia-a-dia, a instrução faz toda a diferença”. Por exemplo, no caso das zonas rurais da província da Zambézia, em Moçambique, em que a maioria delas as taxas de escolarização de raparigas no ensino secundário são mais baixas, são também as que têm taxas de mortalidade infantil mais elevadas – mais de 25% das crianças morrem antes de completarem cinco anos. Este é apenas um dos resultados da falta de escolarização das raparigas (Osório, 2007:06).

A ausência da escolarização nas raparigas não se limita a impedir que elas desenvolvam todas as suas potencialidades, mas tem reflexos nos filhos que, por seu lado, terão menos hipóteses de escapar a uma vida difícil e marcada pela pobreza. Carol Bellamy (UNICEF, 2004:06) refere que é por isso que esta questão tem uma importância crucial para a agenda de desenvolvimento dos países no seu todo. Ou seja, a educação das raparigas pode evitar a perda de um vastíssimo potencial humano.

Um outro impacto positivo da escolarização das raparigas tem a ver o seu papel enquanto mães e educadoras. Nesta condição, as mulheres com instrução têm maior probabilidade de ter crianças saudáveis e de garantir que os filhos, tanto os rapazes como as raparigas, completem a escolaridade e engajem-se numa carreira profissional promissora.

Com a escolarização das raparigas não se pretende ter mais raparigas nas salas de aula do que rapazes, mas sim, garantir uma questão fundamental para o desenvolvimento de uma forma estratégica, sensível e inteligente, pois, permite tornar mais eficazes as iniciativas em prol do desenvolvimento.

Portanto, escolarizar as raparigas em pé de igualdade com os rapazes, responder às necessidades de todos não é um investimento facultativo, trata-se de um investimento necessário para a comunidade e para o país, sobretudo em vias de desenvolvimento ou subdesenvolvidos. De facto, nenhum dos países mais ricos do mundo se desenvolveu sem fazer investimentos significativos na educação e, sobretudo, escolarização das raparigas.

Sendo assim, resulta evidente que dar às raparigas a possibilidade de receberem uma educação básica de qualidade se reflecte positivamente em todos os indicadores do bem-estar humano. Conforme refere Kofi Annan no Relatório do Milénio “*a educação – desde o ensino primário até à educação permanente – é o motor da nova economia global. Está no centro do desenvolvimento, do progresso social e da liberdade humana*”⁹. Neste processo, é imprescindível a participação efectiva das raparigas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do presente artigo aprofundou-se um pouco mais os conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina de Sociologia da Educação. De acordo com Émile Durkheim a educação é um

⁹ In: www.un.com/millenniumreport/2005/21.06.2011

processo que deve ser entendido como um contributo para a manutenção da ordem social, pois, educar é levar um ser não social a tornar-se social. E uma das instituições sociais onde se realiza a educação é a escola. Como corpo social, a escola é, a par da família, um agente de socialização privilegiado. A escola entendida como totalidade de salas de aulas, de professores, de alunos, de programas, de métodos e de saber, é o lugar onde se reproduz e se legitima a ordem social. Assim, a escola é, em primeiro lugar, um mediador dum sistema de formação de saberes disciplinares e, em segundo lugar, de “estruturação” das condutas (dos actores sociais em presença) em torno de valores referenciados a campos mais vastos da realidade social.

Verificou-se ao longo da realização do trabalho que devido a variados factores, incluindo a discriminação entre sexos que existe na maior parte das sociedades, as raparigas são as primeiras sacrificadas na escolarização – são as últimas a ser matriculadas na escola e as primeiras a abandoná-la quando as dificuldades se fazem sentir no seio familiar. Constata-se também que a escolarização implica não parar de ensinar, de modo a tirar as crianças e adolescentes da ignorância para que tenham chances no futuro e oportunidade de optar por uma vida melhor. No caso das raparigas, constata-se que a igualdade de género acelera o crescimento, reduz a pobreza, melhora a governação e favorece o respeito pelos direitos fundamentais das pessoas. Mostra-se premente abrir mais escolas em todo o mundo, pois, a educação é um direito de todos os rapazes e de todas as raparigas, e é também um elemento essencial para o progresso de qualquer país.

6. BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

COSTA, Lúcia Cortez. *Gênero: uma questão feminina?* Disponível em:

www.uepg.br/nupes/genero.htm/26.06.2011

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Edições 70. Lisboa. Tradução Nuno Garcia. 2001.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa. 2ª Edição. Manuais Universitários. FCG, 2000.

MARCONI, Marina e LAKATOS, Eva. *Metodologia Científica*. São Paulo. 3ª Edição, Edições Atlas. 2000.

OSÓRIO, Conceição. *A socialização escolar: educação familiar e escolar e violência de Género nas escolas*. Maputo. WLS. “Outras Vozes”, nº 19, Maio de 2007.

PINTO, Conceição Alves. *Sociologia da Escola*. Amadora – Portugal. Editora McGraw-Hill. 1995.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo. Editora Batutu. 2000.

UNICEF. *A escolarização de um maior número de raparigas é o primeiro passo para a concretização dos Objectivos de Desenvolvimento Mundiais*. Genebra. Press Release. 2003.

UNICEF. *Deixar as raparigas sem escolaridade tem um custo cada vez maior*. Nova Iorque. Press Release. 2004.

WALDORF, Lee. *Rumo à Igualdade de Género*. Pequim. CEDAW/UNIFEM. 2005.

6.1.SITES DA INTERNET

www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra/19.06.2011

<http://www.webartigos.com/articles/3730/1/Anomia/pagina1.htm/19.06.2011>

www.portaldogoverno.gov.mz/19.06.2011

www.un.com/millenniumreport/2005/21.06.2011